

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

MARIZA DE OLIVEIRA

MA'ETY REGUÁ
Agricultura e Sabedoria Mbya Guarani

FLORIANÓPOLIS

2020

MARIZA DE OLIVEIRA

Ma'ety reguá

Agricultura e sabedoria Mbya Guarani

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Artes e Linguagem.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Maria Ramo y Affonso

Florianópolis, 2020

Ficha de identificação da obra

de Oliveira, Mariza
MA'ETY REGUA : Agricultura e Sabedoria Mbya Guarani /
Mariza de Oliveira ; orientadora, Ana Maria Ramo y
Affonso, 2020.
62 p.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura
Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis,
2020.
Inclui referências.
1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Guarani. 3. Agricultura. 4. Educação
escolar.
5. Alimentação . I. Ramo y Affonso, Ana Maria. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura
Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. III.
Título.

Mariza de Oliveira

MA'ETY REGUÁ. AGRICULTURA E SABEDORIA MBYA GUARANI

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Artes e Linguagem” e aprovado em sua forma final pelo Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 12 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Zea Schuler,
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.(a), Dr.(a) Ana Maria Ramo y Affonso

Orientador(a)

UFSC

Prof.(a) Dra. Maria Dorothea Post Darella

Avaliador(a)

UFSC

Prof.(a) Elis do Nascimento Silva

Avaliador(a)

UFSC



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos12..... dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10:30 horas, na Sala 323 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador *Ana M.º Paulo y Affonso*.....e Presidente, Professor *Maria Dorothea Post Dorella*....., Membro da Banca, e Professor, *Eli do Nascimento Silva*..... Membro da Banca, designados pela Portaria nº 04/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico *Maria de Oliveira*..... subordinado ao título: "M.A'ET.Y. PÉGUA" AGRICULTURA E SABEDORIA MBYA GUARANI....."

Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor *Ana M.º Paulo y Affonso*....., a nota final *10*., do Professor *Maria Dorothea Post Dorella*....., a nota final *10*., e do Professor *Eli do Nascimento Silva*....., a nota final *10*.; sendo aprovado com a nota final *10*.. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, ¹² de fevereiro de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. *Ana M.º Paulo y Affonso*.....

Prof. *Maria Dorothea Post Dorella*.....

Prof. *Eli do Nascimento Silva*.....

Candidato *Maria de Oliveira*.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico(a) Mariza de Oliveira, matrícula n.º16105942, entregou a versão final de seu TCC cujo título é MA'ETY REGUA. Agricultura e Sabedoria Mbya Guarani com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 02 de Março de 2020.

Assinatura manuscrita em tinta preta, que parece ser 'Amaral Paes', sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram, em primeiro lugar a Tupã ra'y (filho de Deus Tupã) para nós ele é professor, um mestre de todas as profissões, para ter conhecimento é sempre pedir ajuda lá de cima. E não deixaria de agradecer imensamente xeramõi kuery (anciões), e aos meus pais, por terem me passado um pouquinho de seus saberes. A todos da minha família, meus irmãos, o meu esposo que me apoiou muito cuidando das nossas crianças em casa, quando deixava eles para vir até a faculdade. A todos os professores que me ajudaram nessa minha caminhada, desde o 1º ano das séries iniciais até a licenciatura indígena, e a meus amigos, que sempre me deram força. Aguyjevete a todos.

Nhande ka'aguy re jareko va'ekue

Yva'a porã nhandevy guãrã

Yva'a porã nhandevy guãrã

Heta va'e kuery omokanhymba

Nhanderu mirim oeja va'ekue

Heta va'e kuery omokanhymba

Nhanderu mirim oeja va'ekue

Nhanderu mirim oeja va'ekue

Oeja va'ekue

Na nossa mata, tínhamos vários tipos

De frutos e sementes que o pequeno Deus deixou para nós

Mas os juruá (não indígenas) destruíram e tudo se perdeu

Kyringue mborai – cantos das crianças

(Coral Nhamandu Werá – Brilho do sol,
2002)

RESUMO

Me chamo Pará Mirim, sou da aldeia Itanhaem. Este é o resumo do meu trabalho de conclusão. Nesse meu TCC, relato tudo o que envolve a sabedoria dos mais velhos: o Nhandereko (sistema de vida guarani), como vivemos, qual o propósito do mbyá guarani nesta terra. Falo da nossa universidade guarani, a Opy (casa de reza), qual a sua importância em nossas vidas, e dos cuidados e ciclos da menina; tudo o que devemos aprender, tento passar no papel. Falo também sobre Ma'ety (plantação) e sobre os ciclos de plantio, assim como do Nhemongarai que é muito importante para nós povo Guarani, para ter a consagração das sementes, para receber os nomes das crianças e, depois, plantar agradecendo o nhe'e (espírito), essa é nossa cultura. Fico muito agradecida por xeramõi kuery (anciões), xeru (pai), ha'i (mãe), que me passaram um pouquinho de suas sabedorias, para que eu possa escrever nesse meu trabalho.

Xerery ma Pará mirim, xerekoa ma Itanhaem py. Kova'e ma anhembo'ea opaá regua. Kova'e kuaxia re ma amombe'u Ma'ety regua, mba'e pa jaikuaa nhandereko py. Xeyu havi kunhãgue reko mba'eixa pa oî mbya reko py, mba'e pa ndojapoi va'e rã gueko re oî vy. Opamba'e reguá re xeyu kyingue'í jareko kuaa haguã. Mba'e jaxyre pa nhandoty haguã guive. Nhemongarai mba'e rã pa nhandevy, mba'ereu há'e oî jave kyingue 'í nhamboery, há'e rami há guive ambopará kova'e kuaxiá re. Avy'a vaipa kova'e kuaxia ajapovy, kyingue 'í re ama'e vy, kova'e rã re aiko aiko vy. Tenondeve re kyingue kova'e kuaxia gui nhombo'e haguã. Jaikuaa haema tujakueve'í opama ovy, há'e va'ere ama'e vy guive ma kova'e ajapo. Aguyjevete ame'e xeramõi kuery pe, ha'e xeru pe, ha'e há'i pe havi, petei te'i ayu omboaxa ramo ambopara haguã.

PALAVRAS CHAVE: Guarani; Agricultura; Educação Escolar; Alimentação

LISTA DE FIGURA

- Figura 1. Aldeia Itanhem, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.15
- Figura 2. Açude da aldeia, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.16
- Figura 3. Entrada da aldeia, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.17
- Figura 4. Comunidade reunidos na escola, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.18
- Figura 5. *Takua* – Taquaral, fotografia de Edson Karai.....p.20
- Figura 6. Ajaka’i- cestinhos pequenos, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.21
- Figura 7. *Ajaka guaxu*- balaio grande, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.21
- Figura 8. Ana Jaxuka, com 4 dias de vida, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.23
- Figura 9. E.I.E.B.TAGUATÓ, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.24
- Figura 10. Crianças brincando em frente da escola, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.26
- Figura 11. Adultos, jovens e crianças da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira.p.28
- Figura 12. Adolescentes e crianças no pátio do *opy*, fotografia de Mariza Oliveira.....p.30
- Figura 13. *Opy*, da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.31
- Figura 14. *Jety*, batata doce, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.35
- Figura 15. A comunidade limpando o solo para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira.p.36
- Figura 16. Plantando milho, no modo de antigamente usando um pau de madeira, fotografia de Mariza de Oliveira.....p.37
- Figura 17. Vice- cacique Davi, lavrando para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira....p.38

Figura 18. Solo pronto para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.39
Figura 19. Narcizo, e seu netinho, plantando mandioca, fotografia de Mariza de Oliveira..	p.40
Figura 20. Ramo de mandioca, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.41
Figura 21. <i>Mandí'o</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.42
Figura 22. Semente de melancia guarani- <i>xãjau pororo'í</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.	p.45
Figura 23. Folha de <i>xãjau pororo'í</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.45
Figura 24. <i>Manduvi</i> - amendoim, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.46
Figura 25. <i>Komandá</i> - feijão, plantação do Edson Karai, fotografia de Mariza de Oliveira..	p.47
Figura 26. <i>Jety</i> - batata doce, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.48
Figura 27. <i>Takuare'e</i> – cana de açúcar, plantação do senhor Mario Benites, morador da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.49
Figura 28. <i>Pakova</i> – banana, plantação da dona Anita Benite, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.50
Figura 29. <i>Avaxi</i> - milho, plantação de Mario Benites, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.53
Figura 30. Variedades de Milho Guarani, fotografia tirada de http://Guaranimbya.org	p.54
Figura 31. Variedades de Milho Guarani, fotografia tirada de http://Guaranimbya.org	p.55
Figura 32. <i>Mbaipy ku'axã</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.56
Figura 33. <i>Avaxi ku'i</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.57
Figura 34. Comidas típicas preparada na escola, pelos professores e comunidade, no final do ano letivo de 2018, fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.58
Figura 35. <i>Mbyta</i> , fotografia de Mariza de Oliveira.....	p.59

SUMÁRIO

Apresentação.....	12
Introdução.....	14

Capítulo	I:	Histórico	da	aldeia	
.....					15
I.I.Aspectos				socio-	
econômicos.....					18
I.II. Escola.....					24
Capítulo	II:	Nhandereko	–	O	nosso sistema de vida
guarani.....					28
II.I.	Opy		–	Casa	de
reza.....					31
II.II.	Kunhã	há'e	Jaxy-	mulher	e
lua.....					33
Capítulo	III:			Ma'ety	–
Plantação.....					35
III.I.	Ara	ymã	e	Ara	pyau – Tempos e
ciclos.....					43
III.II.Mba'e	jaxy	jave	nhanhoty	–	em que lua se planta
.....					44
Capítulo IV.	Nhemongarai – Batismo das sementes, e também onde é dado o nome das				
crianças.....					51
IV.I.	Avaxi		hete'i	–	Milho
guarani.....					52
IV.II	Avaxi	hete'i	gui	tembi'u	jajapo va'e – Comidas típicas de
milho.....					55
Conclusão.....					60
Referências bibliográficas.....					62

APRESENTAÇÃO

Sou da etnia Mbya Guarani. Me chamo Pará Mirim, e meu segundo nome é Mariza de Oliveira. Sou filha de Karai Narcizo de Oliveira e de Pará Yva Ilda Benite. Ao todo somos seis irmãos. Eu tenho quatro filhos, três meninos e uma menina; meus filhos são a base da minha força para concluir os meus estudos. Sou muito grata a minha família por tudo.

Sou oriunda de Viamão RS. Há dez anos resido na aldeia Tekoa Itanhaem, também conhecida como Morro da Palha, no município de Biguaçu (SC). Trabalho na escola da aldeia há três anos. Leciono em turmas das séries iniciais ao ensino médio. Foi nessa escola que conclui o ensino fundamental e médio. Quando terminei o ensino médio já fiz a inscrição para a licenciatura indígena; não estava esperando que poderia estar na primeira chamada, mas para minha surpresa tinha passado na prova. Fiquei muito feliz por ter conseguido passar, abracei a oportunidade e por mais difícil que seja estou conseguindo aos poucos conhecer um outro mundo que não conhecia: o mundo do *jurua* (não indígenas). O meu mundo Mbya Guarani eu conheço um pouco mais porque vivo cotidianamente na aldeia, conheço a minha cultura, a cosmologia, as danças, os cantos. Sempre estou buscando mais conhecimento na minha cultura, e essa minha pesquisa é uma ferramenta que faltava para obter tudo que eu preciso para aprender mais sobre a agricultura no mundo guarani.

As conversas com os mais velhos foram bem tranquilas. Um dia fui de manhã na casa dos meus avós e contei o que eu estava fazendo, qual era o trabalho, falei que se tratava da agricultura e sabedoria guarani. Perguntei se eles teriam um pouco de tempo pra mim e a minha vó falou que poderia vir à noite. Voltei à noite na casa dos avós e eles estavam me esperando. Como de costume ao entrar na casa dei saudações a eles e minha avó logo passou o *petyngua* (cachimbo) pra mim, e também acendeu pra eles¹. Como já tinha falado antes sobre o que estava

¹ Petyngua (cachimbo) o uso dele é muito importante, durante as conversas com o mais velhos, na casa de reza, ou quando estamos cantamos, sempre usamos o petyngua, a fumaça transpira paz.

escrevendo nem perguntaram mais sobre o que eu queria perguntar, já começaram a falar. Um começava e outro terminava as falas. Foi uma experiência muito boa ver meus avós felizes passando um pouco da sua experiência de vida para mim. Também conversei com meus pais e um tio.

Minha experiência como educadora e mãe me levou a refletir sobre a minha aldeia, a olhar o futuro das crianças da minha comunidade, para não esquecer a sabedoria dos mais velhos (*xeramõi* e *xejaryi*), os costumes, os cantos, as danças, e o mais importante, a nossa língua. Para nós Mbya Guarani, a nossa existência até hoje se deve a que não perdemos a nossa língua, pois os *xeramõi kuery* (anciões) são a base da sobrevivência da língua. Se nós não soubermos falar a nossa língua, como vamos fortalecer a nossa cultura e passar para as crianças? Isso tudo é muito importante, por isso como professora tenho que olhar e buscar mais conhecimento, não só na escrita, também na oralidade: é de lá que vem a resistência mbyá guarani.

INTRODUÇÃO

Desde pequena vejo que meus avós e meus pais plantavam as sementes e frutas, e sempre falavam da sua importância em nossa cultura. Hoje são poucas as pessoas que cultivam ainda na aldeia. O medo e a insegurança de não ter mais no futuro a nossa agricultura guarani, as principais sementes que vem vindo de geração em geração, me fizeram pensar no futuro da minha comunidade.

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. O meu tema abrange vários assuntos envolvendo a agricultura guarani e a sabedoria mbya guarani, como: as moças não poderem plantar quando estiverem menstruadas, a primeira colheita não poder ser comida antes do *xeramõi* (ancião) passar a fumaça do petyngua (cachimbo) nas verduras, frutas e sementes colhidas.

O trabalho está dividido em IV capítulos. No primeiro capítulo vou contar um pouco do histórico da aldeia, como surgiu a aldeia, quantas famílias têm, a economia da aldeia, quais meios de sustentabilidade, qual o idioma falado, e nesse contexto falar do histórico da escola, quantos alunos têm, como a escola trabalha com as crianças, etc. É no capítulo II que falarei do *Nhandereko* - Sistema de vida guarani, da *opy* (casa de reza), que é a nossa faculdade, dos cantos guarani, da mulher e da lua e dos principais cuidados com o ciclo da vida da mulher guarani. No capítulo III Maéty (plantação), vou falar dos tempos e ciclos (*ara ymã- ara pyau*), do ciclo da caça e do plantio, e também das relações entre a agricultura e o mundo espiritual. Continuarei este assunto no capítulo IV, dedicado ao *Nhemongarai*, ritual de batismo das sementes e das crianças, e de consagração dos alimentos. Aqui também escrevo sobre o *Avaxi hete´i* (milho guarani), sobre as variações de milho e a culinária típica feita de milho guarani.

Na minha pesquisa trabalhei com cinco pessoas, os meus avós, são a Dona Vitorina Benite, e senhor Albino Benites, meus pais, o senhor Narcizo de Oliveira e Ilda Benite, é meu primo Davi Timoteo Martins. Eles foram a base essencial do meu

trabalho, muito agradecida por tudo que me passaram, mesmo que seja um pouquinho já foi o bastante para realizar essa minha pesquisa.

CAPÍTULO I: HISTÓRICO DA ALDEIA

A aldeia Itanhaem é uma Terra Indígena que foi comprada no dia 04 de junho de 2007, no município de Biguaçu SC, graças aos recursos obtidos pela compensação do Programa de Apoio às Comunidades Indígenas Guarani (PACIG²). Iniciou-se uma nova aldeia com cinco famílias, num total de vinte e sete pessoas. A extensão da Terra Indígena é de 216 hectares, 10% de área livre para construção de casas e o resto – 90% só mata.



² PACIG – Programa de Apoio às Comunidades Indígenas. Este programa parte da caracterização de impactos, proposição de medidas e diretrizes apontadas no Estudo de Impactos Ambientais. Compensação exigida pelo licenciamento ambiental federal, conduzido pelo IBAMA.

Figura 1. Aldeia Itanhem, fotografia de Mariza de Oliveira, novembro de 2018.



Figura 2. Açude da aldeia, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019



Figura 3. Entrada da aldeia, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019

A aldeia tem o cacique, o vice cacique, e um líder espiritual. O 1º cacique fica mais na parte da comunidade, ele resolve as coisas dentro da aldeia, quando é preciso ele sai também junto com o vice.

O vice está mais na parte de fora, sai mais. O líder espiritual fica na parte da comunidade junto com o cacique, ambos cuidam do bem-estar das pessoas.

Economia

Para a maioria das famílias o sustento vem da venda de artesanatos e do benefício do Programa Bolsa Família; alguns recebem salário, pois são funcionários da escola - professores, merendeiras, faxineira - ou funcionários de saúde - agente de saúde e saneamento -, e aposentados. Da agricultura não está dando mais pra sobreviver, não é mais como era antigamente, conforme afirma a dona Vitorina Benite, moradora da aldeia Itanhaem:

Antes morávamos no meio do mato, longe das cidades. Todo ano fazíamos uma roça bem grande. Tudo que precisávamos para uma boa alimentação tínhamos na aldeia, plantávamos: *komanda'i*, (feijão), *avaxi* (milho), *jety* (batata doce), *andaí* (abóbora). A gente tinha tudo, não faltava caça, as crianças pescavam todos os dias. Nós éramos bem felizes na época dos meus avós. Vitorina Benite, moradora da aldeia Itanhem.

Hoje em dia falta tudo. Não temos mais a mata, rios, as aldeias são pequenas, tudo está cercado; vivemos como um bichinho de estimação preso nas gaiolas, temos um pouquinho de terra, mas não é como antigamente, não podemos fazer as roças grandes, não podemos queimar ou cortar as árvores, as caças quase acabaram e somente às vezes algumas pessoas pegam o *xingyre'i* (tatu).

A nossa aldeia fica no meio das comunidades rurais e ao redor tem um pouquinho de mata, mas bem pouca. Olhando de cima de um morro observamos que não podemos fazer nada em volta da aldeia. O que tem de mata é o que está nos mantendo até agora, a preservação daquelas pequenas matas é a nossa

sobrevivência, de lá pegamos um pouco de água que tem, de lá vem o material para fazer o nosso artesanato.



Figura 5. *Takua* – Taquaral, fotografia de Edson Karai, 24 de outubro de 2019.

A taquara é a principal matéria prima que temos na aldeia para a manufatura do artesanato, uma das mais importantes fontes de sustento das famílias guarani.

Desde pequenas as crianças veem seus pais fazendo artesanatos e assim alguns se interessam em fazer também.

Temos dois lugares onde tem taquara na nossa aldeia. Os meus avós contam que a cada trinta anos a taquara é atacada por *takuaraxó*³ (larva) e é tudo comido, assim depois de trinta anos começam a nascer de novo os brotinhos da taquara.



Figura 6. *Ajaka'i*- cestinhos pequenos, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019

³ Uma larva que dá no centro do tronco, e também serve como alimento.



Figura 7. *Ajaka guaxu*- balaio grande, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.

As *ajaka* (cestaria mbya guarani) são consideradas muito bonitas! Tanto pelos mbya guarani quanto para muitos *juruá* (não indígenas), porém os significados dos desenhos e grafismos impressos nas cestarias estão muito além da questão estética.

O artesanato é uma terapia. Às vezes a pessoa fica preocupada com alguma coisa e é o artesanato que alivia a sua mente. Hoje os jovens ao fazerem artesanato, param para pensar e acalmam a mente, o que não seria possível de outra forma.

O balaio é umas das artes mais importantes na nossa cultura. Significa várias direções do pensamento, é um instrumento de cura para pessoas que precisam de terapia. Os balaioes que têm desenhos significam AMOR e aqueles que não têm significa PAZ por exemplo, o balaio que tem o símbolo da borboleta, da cobra caninana (*nhakaninã*), significa amizade ou relação de amizades com outras famílias.

O balaio em si serve para carregar os alimentos e o trançado de desenhos que representam a pele de cobras, simboliza proteção dos alimentos que estão dentro da cesta (SILVA, 2015, p 15).

Na cultura guarani a taquara é um símbolo da mulher, por isso quando a menina nasce o pai da criança faz uma *takuapu* (taquara sonora) ou uma cestinha pequena (*ajaka'í*), assim o *nhe'é* (espírito) fica e não sai acompanhando o pai dela. Se o *nhe'é* sai, a criança fica com cólica; pelo *nhe'é* estar seguindo o pai em diversas atividades a bebê passa mal. O pai ao sair tem que levar uma varinha de pau, para direcionar o caminho caso ele (o *nhe'é*) o estiver acompanhando. Assim o pai vai falando com o espírito. Quando tem a travessia de um rio, por exemplo, fala: “suba nessa varinha e não é pra brincar”. Acreditamos que assim o espírito não vai se perder e vai voltar bem, pois no conhecimento guarani existem muitos espíritos da natureza que podem levar, se apropriar do *nhe'é* dos recém-nascidos. Os mais velhos dizem que o *nhe'é*⁴ dos recém-nascidos acompanha os pais desde que a criança vem para o mundo, mesmo estando na barriga da mãe o *nhe'é* dela já fica pertinho da mãe e do pai.

O espírito da criança também gosta de morar onde se sente bem. Depois do nascimento da criança deve ter mais cuidado ainda, pois existem vários espíritos que estão rodeando a criança, e estes podem levar o espírito dela. Ter o cuidado de chamar pelo seu nome verdadeiro, sempre quando for de viagem, andar no mato, brincar em água, etc. (MARTINS, 2015, p. 25)

4 *Nhe'é*: Princípio anímico de origem celeste. Eles descem à Terra provenientes das regiões celestes onde moram as divindades Guarani, os *Nhanderu kuery*. São eles que erguem o corpo sobre a terra e o fazem caminhar e é neles que se encontra a palavra, a possibilidade da fala.



Figura 8. Ana Jaxuka, com 4 dias de vida, fotografia de Mariza de Oliveira, 21 de fevereiro de 2019.

I.II. ESCOLA

No ano de 2008 a escola foi aberta na aldeia Itanhaem, nas turmas do 1° a 5° ano das séries iniciais. Naquela época não tinha ainda a escola que tem hoje, era uma casa comunitária que foi cedida pela comunidade para serem dadas as aulas às crianças. No ano de 2015 começou a construção da escola nova, mas ficou parada quase três anos, e só no ano de 2018 foi entregue à aldeia essa escola, E.I.E.B.

TAGUATÓ. Houve uma grande insistência da comunidade, dos professores e lideranças para que a escola pudesse ser concluída. Nesses dois anos e meio não tivemos sossego. Muitas vezes foram enviadas cartas à Secretaria de Educação com o pedido para terminar a escola e nada de retorno, até que foi mandado para o Ministério Público Federal. Só assim conseguimos que a escola pudesse ser concluída e ser entregue na comunidade.



Figura 9. E.I.E.B.TAGUATÓ, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro 2019.

Organização:

A escola abrange das séries iniciais ao ensino médio.

No período da manhã tem a turma do 7° e 9° ano, das 8:00 às 12:00 horas, só à tarde tem turma do 1° a 3° ano e também a turma do 4° e 5° ano das séries iniciais.

No período noturno tem a turma do ensino médio 1º, 2º, 3º ano, é EJA 5º a 9º ano séries finais.

Na escola tem um diretor, um coordenador, seis professores, duas merendeiras e uma funcionária da limpeza. Uma vez por mês tem a limpeza geral na escola e nesse dia a comunidade toda vem para ajudar.

Aspectos físicos:

A escola é de alvenaria, as paredes de cimentos e tijolos, o piso tem azulejos e o forro é de PVC. Tem dois banheiros, feminino e masculino.

A escola é cercada por arames em volta e nesse cercado tem grama onde foram plantadas árvores frutíferas. Nesse espaço também as crianças fazem brincadeiras, brincam de correr, pular corda; em frente da escola as crianças brincam de jogar bola e espiribol.

Os alunos da noite, utilizam mais o pátio para fumar *petyngua* (cachimbo).

A escola tem uma biblioteca improvisada em uma sala, com duas mesas e duas cadeiras, que está junto com as caixas de alimentos da merenda, mas é toda organizada, tem prateleiras de livros e de caixas de alimentos. Temos mais livros que revistas. Todos os livros da Ação Saberes Indígenas na Escola foram entregues à escola. Os alunos os utilizam às vezes, não diariamente; quando os professores pedem trabalhos é que eles vão à biblioteca, e alguns levam para casa. A biblioteca é mais utilizada por professores: vejo muitos nas pesquisas com os livros, pois como todos os professores estão na graduação sempre estão na leitura, e fazendo trabalhos.

O espaço de refeição tem conjuntos de três mesas grandes, quadradas, com o banco sem encosto, e mais dois bancos grandes. Os alunos adoram a hora do recreio, eles ficam sentados na mesa, gostam das comidas e lanches.



Figura 10. Crianças brincando em frente da escola, fotografia de Mariza de Oliveira, 25 de outubro de 2019.

Nesse meu trabalho, falo sobre a escola porque como professora vejo que a agricultura está relacionada com o aprendizado da criança guarani. Isto tem a ver com a importância que envolve o conhecimento dos mais velhos. A escola hoje é um espaço que está sendo importante na aldeia porque os mais velhos também estão tendo espaço nela, pois os professores os chamam para falar de temas específicos que estão trabalhando com seus alunos, para falar sobre a relação que estes temas têm com a cultura guarani. Eles vêm com a intenção de repassar os conhecimentos deles e isso é muito bom para as crianças. A escola tem uma função muito importante na comunidade e os professores têm o papel de ensinar o modo do *juruá*

(não indígenas) e, ao mesmo tempo, de ensinar as crianças a não deixar de seguir o conhecimento guarani.

CAPÍTULO II NHANDEREKO – SISTEMA DE VIDA GUARANI

O modo de vida, o cotidiano Mbyá Guarani vem resistindo desde 1500 até hoje; é o nosso *Nhandereko*. Para nós é muito importante o nosso costume, os cantos, as danças, a nossa língua que é a principal resistência da nossa cultura Mbyá Guarani. Penso que na maioria das aldeias, a nossa língua materna está se perdendo um pouco, pois vejo muitos jovens falando em português dentro da aldeia, e isso afeta muito o desenvolvimento das crianças que estão em volta, porque as crianças aprendem vendo e ouvindo o que os mais velhos fazem.



Figura 11. Adultos, jovens e crianças da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2018.

“O nosso costume tem vários tipos de palavras. Para entender o nosso conhecimento, o nosso costume, existem muitas palavras, existem muitos conteúdos. Nós respeitamos todas as coisas que existem no mundo. Nhanderu criou todas as coisas para que passamos saber mais, para compreendermos mais do que o costume do *jurua*. Se nós, os mais velhos não contarmos isso, os jovens não vão saber. Hoje estamos vendo muitas coisas ruins acontecerem no nosso mundo e por isso os mais velhos precisam falar para os jovens. Assim é que os jovens vão se fortalecer a continuarem, pois está sendo um pouco difícil para nós vivermos de acordo com o nosso costume”. (DARELLA et. al., 2018, p.35).

A sabedoria guarani é muito ampla, o nosso modo de saber, escutar, ouvir, respeitar, tudo isso está interligado com o *mbyarekó* (costume guarani). Na comunidade os mais velhos respeitam os jovens, as crianças e eles também respeitam os *xeramõi kuery* (anciões). Para ter respeito por tudo que está em nossa volta, esses ensinamentos recebemos na casa dos nossos pais. Desde pequenos os pais ensinam os filhos a importância do *teko mborayu* (respeito ao próximo), para ter respeito por tudo que Nhanderu (DEUS) criou. O conhecimento adquirido vem dos *xeramõi kuery* (anciões), foram passados para os pais, e depois são passados aos seus filhos; assim é a cultura guarani, *xeramõi* e *xejaryi* (anciões) são a fonte de sabedoria.

Nós os Guarani, somos pouquinhos. Para quem temos que mostrar nosso caminho? Não é para *jurua* e sim para Nhanderu. Os *jurua* não acreditam em nós, não nos respeitam. Mas Nhanderu está vendo. É assim a nossa situação e é por isso que temos que dar a continuidade ao nosso costume, ao nosso conhecimento, ao *nhande reko*. (DARELLA, 2018, p.34).

Os *jurua* (não indígena) não respeitam porque não entendem o que somos, a maioria desconhece a cultura, ou não tem interesse de saber porque lutamos contra o desmatamento, pela terra e rios. Nós entendemos que somos enviados de Nhanderu (DEUS) ao mundo com o propósito de proteger a Terra.



Figura 12. Adolescentes e crianças no pátio do *opy*, fotografia de Mariza Oliveira, junho de 2018.

Vocês professores devem aprender com os mais velhos, desse modo vão saber como da aula para as crianças, para que nossos filhos sigam o mesmo caminho que nós. Temos que mostrar o nosso costume, nos fortalecer e fortalecer os nossos filhos. (Narcizo de Oliveira, 60 anos, morador da aldeia Itanhaem, 2019).

Os *xeramõi kuery* (anciões) têm muito conhecimento. Para ter um pouquinho de saberes que eles têm, é preciso acompanhar, prestar atenção nas falas porque para um *xeramõi* não tem hora para passar conhecimentos aos jovens e crianças, pode ser na plantação, na estrada, dentro do *opy*, em qualquer lugar eles contam algumas coisas. Se prestamos atenção àquelas palavras, ou a alguma frase, pode ser muito útil em muitas coisas mais tarde. Já o *karai* e *kunhã karai* (líder espiritual), vem ao mundo já com o dom da sabedoria e da cura. Eles também passam seus conhecimentos, eles dão mais conselhos dentro do *opy*.

II.I OPY – CASA DE REZA



Figura 13. *Opy* da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro 2019

Opy ma orevy mbya kue´iry pe iporã vaipa hete va´e, há´e gui haema mbaraete, mby´aguaxu rã ome´e orevy pe. Opy´i gui ma rojopy arandu, tujakueve´i omboaxa va´ekue gui ma petei tei´i rojopy rovy, takykueve rupi ore jevy kyringueve´i pe ayvu romboaxa haguã.

Nhaneramõi kuery ma ajoxava ropy´i he´i opy´i re juma jogueroike´ivy porami ijayu. Roike´i roporai, rojerojy, ropita´i haguã ka´aru´i jave meme.

“Ela serve para a comunidade estar sempre alegre. Para todos os anciões é motivo de alegria um *opy´i* na aldeia. É importante para manter a cultura: é um lugar sagrado onde os anciões se encontram para falarem do seu conhecimento e fortalecerem nossa cultura. A casa de reza faz com que os jovens fiquem na aldeia e valorizem sua cultura”. (Dona Idalina Fernandes, em DARELLA et. al., 2018, p.94)

A casa de reza é o nosso patrimônio material bem mais precioso que temos. É de lá que vem a força, a sabedoria, o conhecimento. Na casa de reza que recebemos as palavras infinitas dos *xeramõi kuery* (anciões) assim cada um que vai no *opy* aos poucos vai recebendo mais conhecimento, e essas pessoas vão passar adiante as palavras dos *xeramõi kuery* para os futuros mbyá guarani, os que agora são crianças e os que irão nascer ainda. Assim é repassada a cultura guarani de geração em geração oralmente.

O papel rasga, queima ou se molha na água e derrete, já a palavra que é falada dentro de cada um não morre. Ela passa por dentro de mim e passa por dentro dos outros e, mesmo quando eu morrer, as palavras que forem verdadeiras vão continuar circulando entre meus filhos e netos. (Verá Mirim, Aldeia Tekoá Pyau, 2006 em TESTA, 2008).

Opy, a casa de reza, é mais do que o local de realização de rituais religiosos, é também o fortalecimento da resistência do povo guarani: assim é contado por *xeramõi kuery* (anciões). Desde pequena a criança guarani ouve que *opy* é o mais importante que temos, para ter o conhecimento da nossa cultura guarani. Se tem *opy* na aldeia, estará protegendo de seres que vemos, e de outros seres que são invisíveis que estão em nossa volta, de olho em nós, mas para isso a pessoa tem que ir diariamente. Quando escrevo que existem outros seres invisíveis, é porque na cultura guarani existem os espíritos da natureza, como: *ka´aguyrovapyja* (espírito da mata), *yakãja* (espírito da água), *itaja* (espírito da pedra) etc. Esses espíritos às vezes se apropriam da pessoa, e ela fica doente, não querendo mais viver, porque esse espírito ruim está levando a sua alma *nhe´e porã* (espírito da pessoa).

II.II KUNHÃ HA´E JAXY – MULHER E LUA

Os cuidados da menina e da mulher

Os cuidados vão do nascimento até a vida adulta. Quando a menina nasce os pais se organizam para fazer *takuapu* (taquara sonora) ou uma *ajaka'i* (cestinha pequena).

Isso é um cuidado que temos com a bebê, para ela ficar feliz ao lado da mãe. Quando chega por volta de 9 a 10 anos, ela já aprende os afazeres da casa, e os pais já a aconselham sobre o que irá acontecer, um pouco mais pra frente, sobre Jaxy (lua) e a menstruação: como ela tem que se alimentar daí em diante, as precauções que ela deve fazer para não ficar mocinha antes da idade certa, como não comer coisas muito doces ou salgadas, não brincar muito, e não subir na árvore, e não pode andar na aldeia depois que escurecer o dia. Esta fase passa, a menina menstrua pela primeira vez, e os cuidados aumentam nesse período em que ela está de resguardo. E depois de adulta quando tiver ganhado o bebê, esse círculo de cuidado volta tudo de novo, quando está de resguardo pós-parto é o mesmo que estar no *jaxy* (lua), menstruada pela primeira vez.

Na cultura guarani, desde pequena ouvimos que quando ficar mocinha tem que avisar imediatamente a mãe. Quando a menina menstrua pela primeira vez, a mãe corta o cabelo bem curtinho, e passa pintura corporal (*jeguaá*), que é feita de cera de abelha, no rosto da menina. E também prepara um gel feito de guiné com alho, para massagear as pernas e braços. Durante 15 dias a menina fica de resguardo no quartinho da casa, a cama toda coberta como uma casinha, e só poderá sair no banheiro. Durante esse tempo a menina aprende a fazer artesanato, como: brinco, colar, pulseira, e cestinho pequeno. O período de 15 dias passa e ela sai do resguardo, a mãe prepara o banho com ervas, pipi (guine), e mata-campo com cinza do fogo. Quando sai, os avós são chamados para dar orientação à menina que está passando no ciclo de uma vida, de menina para a adolescência que está ligada com a vida adulta. Ali é passado todo o conhecimento da mulher, o que se deve fazer e o que não se pode fazer durante a menstruação. O cuidado que ela terá durante sua

vida para não ter consequências negativas no futuro. A pintura é usada para afastar os olhares de *jaexa'y va'e* (aqueles que não vemos) e as ervas são usadas por causa do cheiro da menstruação, elas preservam o corpo no resguardo.

As *kunha karai* se reuniam para ensinar as meninas como se cuidarem, quando essas passassem da fase de crianças para a fase adulta. A menina não podia e, até hoje não pode se casar antes de ter primeira menstruação, ou estar no tempo da lua (no *jaxy*) sendo que depois dessa fase já estaria pronta pra se casar, e isso só acontecia aos quatorze e quinze anos de idade. Mas hoje é mais frequente a menina menstruar mais cedo por conta dos alimentos industrializados que existe no mercado alimentício. (MARTINS, 2015, p.19).

No costume mbyá guarani, quando a moça fica na lua, não pode plantar nenhum tipo de sementes, nem até mesmo pegar na mão, ou andar na plantação. Também é proibido circular na aldeia, tem que ficar no resguardo durante a menstruação, não poderá comer nenhum alimento com o sal, ou doce, só poderá sair de casa quando parar de menstruar.

Quando a menina tem a primeira menstruação, ela deve ser apartada dos olhares, principalmente dos *jaexa'e'y va'e* (aqueles que não vemos). Sangue da menstruação facilita a sua aproximação, pois o cheiro é muito forte e a torna visível demais. (AFFONSO, 2014, p.103)

O papel da mulher é muito importante na cultura guarani, está ligado com a vida que tem ligação com a agricultura também. Conforme afirmou a liderança Eunice Antunes, da terra indígena do Morro dos Cavalos:

Eu penso que as mulheres Guarani são guardiãs do espírito Mbya. Porque somos nós mulheres que levamos as sementes para serem consagradas com os nossos nomes, para depois sim através da consagração as crianças receberem seus nomes que são espírito de cada pessoa. As guardiãs da vida!⁵ (Eunice Antunes, liderança da aldeia morro dos cavalos).

5 Em depoimento na Comissão Kunhague, no dia 04 de janeiro de 2020.

Capítulo III: Ma'ety – plantação



Figura 14. *Jety*, batata doce, fotografia de Mariza de Oliveira, janeiro de 2020

Na aldeia Itanhaem todos plantam um pouquinho, em cada casa sempre há uma roça, mesmo que seja só ao redor da casa, mas sempre tem. Tem plantação de milho, feijão, melancia, mandioca, batata doce, cana de açúcar, amendoim, banana.



Figura 15. A comunidade limpando o solo para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira, agosto de 2018.

Quando a roça é um pouco grande, o pessoal da comunidade se reúne e faz um mutirão para ajudar a pessoa que fez a roça. Desde pequenas as crianças acompanham os pais na carpida e na plantação. Assim é a cultura guarani, os pequenos aprendem vendo e ouvindo os mais velhos falarem sobre a importância que tem em nossas vidas a nossa agricultura guarani.

Cultivamos o nosso modo tradicional de plantar, que é roçar, queimar e plantar. Os mais velhos sempre escolhem um lugar que não seja muito perto da casa para fazer uma roça, ali eles plantam *xãjau hete´i*, (melancia guarani), *avaxi hete´i* (milho guarani), *komanda hete´i* (feijão guarani), *jety´i* (batata doce) *mandi´o* (mandioca) *manduvi* (amendoim). Essas sementes serão guardadas para o *nhemongarai* (batismo).

É da agricultura que vem o sustento para toda a vida terrestre e espiritual, a qual se encontra ligada ao tempo e os ciclos de todos os seres vivos da Terra. Para saber como produzir o alimento precisamos, primeiramente, entender toda essa interligação do sistema Guarani. Devemos nos preparar para seguir regras, praticar os rituais e nos comportar como seres humanos Guarani. Só assim aprenderem a importância dos significados de cada tempo, só então saberemos preparar a terra, manipular as sementes e plantar. (Mario Guimarães, em DARELLA, 2018, p.114)

Os alimentos da agricultura guarani fortalecem corpo e espírito. Ao plantar, batizar e preparar os alimentos, mostramos a Nhanderu que respeitamos o nosso corpo e que lembramos dele, da palavra dele. Nosso *nhe´e* fica contente e nosso corpo mais resistente às doenças. As palavras do *xeramoí* Mario Guimarães mostram que tudo está relacionado e por isso o conhecimento guarani é tão complexo.



Figura 16. Plantando milho, no modo de antigamente usando um pau de madeira, fotografia de Mariza de Oliveira, setembro de 2019.



Figura 17. Vice- cacique Davi, lavrando para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira, agosto de 2019.

E também adquirimos o trator, que não é da nossa cultura, mas atualmente também faz parte na nossa agricultura, pois usamos na lavoura do nosso pátio de plantio, quando tem muito capim. Temos pouca terra para o plantio, tem mais áreas mas como antes era fazenda do *jurua* (não indígena) tem plantação de eucaliptos e palmeira real, e nessa área que foi plantado, tivemos que arrancar para poder plantar um pouco que temos. A terra é muito seca também, por causa do eucalipto; só em algum lugar que nasce bem o plantio. Sobre o trator, foi feita uma reunião na aldeia sobre a compensação que seria recebida da auto-pista⁶, e foi pedido o trator para preparo da terra da comunidade, e assim ajudar na sustentabilidade.

⁶ Compensação mitigatória do impacto ambiental, do contorno viário.



Figura 18.

Solo pronto para o plantio, fotografia de Mariza de Oliveira, agosto de 2019.



Figura 19. Narcizo, e seu netinho, plantando mandioca, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019.



Figura 20. Ramo de mandioca, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019.



Figura 21 *Mandi'ó*, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.

III.I. Ara ymã e Ara pyau – Tempos e ciclos

O calendário Guarani está dividido em quatro tempos: *ara pyau*, *ara mbyte*, *ara guyje* e *ara yma*. O ano começa em *ara pyau*, tempo que se inicia o ciclo de todas as vidas na terra. *Ara pyau* é muito visível na natureza, é o tempo novo. As plantas começam a florir, as aves põem seus ovos, os animais se acasalam e o homem entra num processo ritual de consagração.

O calendário de plantio guarani se inicia em agosto: **ara pyau**, o tempo novo, o ano novo, a preparação do solo.

Em **ara mbyte**, enquanto as plantas crescem, a aldeia toda se mobiliza para a próxima etapa, o tempo da colheita.

No **ara guyje**, tempo de colheita, momento de consagração na Terra, o Sol fica muito próximo da terra. Esse é o tempo em que *Nhanderu* abre a porta do *Opy Maraé'y*. Tudo que é produzido nesse momento na terra é consagrado por ele, principalmente os alimentos.

Ara ymã, é o tempo de recolhimento, quando o sol se afasta da terra. É o momento em que *Nhanderu* fecha a porta do seu *opy*, todos os seres se recolhem e ficam mais quietos e parados. Na Terra, tudo fica mais silencioso e escuro. Nesse tempo, os espíritos maus se aproximam e ficam rodando tudo. É esse o período em que acontecem muitas doenças e enfermidades, por isso é uma época em que utilizamos bastante as ervas medicinais.

Ciclo de caça e do plantio

Nos meses de abril, maio, junho e julho, é tempo de caça. No mês de agosto quando se inicia *Ara Pyau*, as aves põem seus ovos e os animais se acasalam. Em *Ara Pyau* começa a preparação do solo para o plantio e em setembro começa a plantação, até novembro. Em dezembro é a primeira colheita, em janeiro a segunda e também quando se separam as sementes para o segundo plantio, que vem em fevereiro. E em março é o tempo específico para o plantio da batata doce.

Na época de agosto-setembro vai chegando Ara Pyau. Nesse tempo plantamos todos os ramos e sementes, desde de muito pequena acompanhei meus pais e avós na plantação. (Vitorina Benite, 89 anos, moradora da aldeia Itanhaem, 2019).

III. II. MBA'E JAXY JAVE NHONHOTY – EM QUE LUA SE PLANTA

As fases a lua também são muito importantes na agricultura, pois afetam o crescimento das plantas

Fases da lua:

Jaxy ra'y (lua nova)

Jaxy inhepytun (lua minguante)

Jaxy ijeyvate (lua crescente)

Jaxy ova guaxu (lua cheia)

As sementes e ramos são plantadas no *jaxy inhepytun* (na lua minguante), pois acredita-se que quando são plantadas em *jaxy ra'y* (lua nova) as plantações são atacadas pelas pragas, ou simplesmente não crescem. Segundo o meu avô Albino Benite, 90 anos, morador da aldeia Itanhaem: “o plantio do *mandi'o* (mandioca) é diferente, não se pode plantar no *jaxy inhepytun* (lua minguante), é plantada no comecinho da lua nova”.



Figura 22. Semente de melancia guarani- *xãjau pororo'í*, fotografia de Mariza de Oliveira, setembro de 2019.



Figura 23. Folha de *xãjau pororo'i*, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019.



Figura 24. *Manduvi*- amendoim, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.



Figura 25. *Komandá*- feijão, plantação do Edson Karai, fotografia de Mariza de Oliveira, novembro de 2019.



Figura 26. *Jety*- batata doce, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.



Figura 27. *Takuare'e* – cana de açúcar, plantação do senhor Mario Benites, morador da aldeia Itanhaem, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.



Figura 28. *Pakova* – banana, plantação da dona Anita Benite, fotografia de Mariza de Oliveira, dezembro de 2019.

CAPÍTULO IV: NHEMONGARAI – BATISMO DAS SEMENTES, E TAMBÉM ONDE SÃO DADOS OS NOMES DAS CRIANÇAS

Todos os anos o Nhemongarai acontece em todo o território guarani. É a consagração de alimentos e sementes, e nesse dia também as crianças que não tem nomes são nomeadas pelos *Karai* (líder espiritual). Para ter essa cerimônia é tudo planejado bem antes pelas comunidades. Os pais das crianças também preparam tudo para o recebimento do nome. Nesse dia a comunidade, especificamente os pais dos meninos, trazem *ka'a* (erva-mate); o mel é trazido também pelos homens em uma taquarinha. Para as meninas é feito um *mbojape'í* (bolo de milho guarani, com cinza do fogo), ou as sementes de milho em uma cabaça feita como um pratinho, ou em cestinho bem pequeno. No ritual de nomeação, os *karai* e *kunhã karai* que dão nome são mais especificamente chamados de *mitã mboerya*. Eles revelam o nome do *nhe'e* das crianças, princípio celeste e divino da pessoa. A partir do nome vai saber de qual *amba* (local) de Nhanderu que veio essa criança. Os nomes que vêm do *amba* de Tupãruete são, para os meninos: Verá mirim, Verá Poty, Tupã'í, e para as meninas: Pará mirim, Pará yva, Pará poty. Os nomes que vêm do *amba* do Karairuete, para os meninos: Karai, Karai mirim, Karai poty, Karai tataendy, e das meninas: Kerexu mirim, Kerexu hata, Kerexu poty. Os nomes que vêm do *amba* de Nhamandu para os meninos: Kuaray oka, Kuaray mimbi, e das meninas: Yva, Jaxuka, Jerá. Esses são os nomes sagrados dos Mbya Guarani. Cada pessoa vai ter um jeito de ser e umas habilidades, e por isso que o interesse de aprender certas coisas e as vontades das crianças tem que ser respeitados, porque vai depender do que elas já vieram para fazer.

O Nhemongarai tem um significado muito importante e é levado muito a sério por nós, povo Guarani. É um momento de muita concentração, pois consideramos que o *avaxi ete* é um irmão que está se sacrificando por nós. Todos temos que ter esse sentimento de força e agradecimento para entendermos que ele entrega sua vida para nos manter aqui como nação Mbya. (DARELLA, 2018, p. 113)

IV.I. MILHO GUARANI

Kaxo avaxi hete´i reguá

Ymã manje tekoa´i py ojexai raka´e, tembi´u ndojou veima, há´e rami hapy manje petei karai oiko raka´e, ta´y´i manje oiko´i havi raka´e, ojexavai ´i ma je okaru xe vy, ndovy´a vei´i ma. Há´e ramo je tuu ojerure tuu mamoteguá pe, tove´ katu xera´y´i tovy´a toiko vy, pemombaraete katu he´i opy´i onhenduma vy nhandru kuery pe. Há´e rire petei ára rei manje oky vaipa overá hyapu revê oguata Tupã kuery, há´e rami va´ety he´y manje. Ko´egue nda´oky veima jave je oka py oma´e vy oexa rã kapi´i heta rei merami ikuai, há´e tei oexa rive ndojayai ramo je ojerá avaxi´i rã raka´e. Há´e rami vy ma mitã´i ndovy´ai va´ekue omombaraete ju raka´e, avaxi hete´i manje Tupã kuery ombojera va´ekue.

História do milho guarani

Há muito tempo, tinha uma aldeia bem distante no mato. Lá o pessoal passava dificuldade, por falta de alimentos. Tinha um *karai* (um líder espiritual) e ele tinha um filho pequeno. Esse menino estava bem doentinho, ele não queria mais viver sem se alimentar bem. Com isso o pai do menino pediu muito para Nhanderu que ele desse de novo a alegria de viver para seu menino, que ele fique bem. Rezou tanto que um dia, o dia estava de sol, mas, de repente, choveu muito e juntou bastante trovoadas e relâmpagos, no dia seguinte o pai do menino saiu olhando no pátio e viu que muitos pés de capim estavam lá. Não deu muita atenção, mas mesmo assim não cortou, os dias passaram e surgiram as espigas de milho. O menino quando viu ficou alegre e todos da aldeia não sentiram mais fome. Assim surgiu o nosso milho guarani deixado por Tupã (Deus do trovão)



Figura 29. *Avaxi*- milho, plantação de Mario Benites, fotografia de Mariza de Oliveira, outubro de 2019.

O milho tem a relação muito forte na cultura guarani. Nós o chamamos de semente líder. Do modo que ele cresce sabemos como está nosso *nhe´e*, se está bem ou não. Depois do *nhemongarai* é feito o plantio do *avaxi ponhy´i*, um milho amarelinho bem pequeno que é plantado para as crianças. Depois são plantadas todas espécies de milho que tem na cultura guarani. Temos variações de milho: *avaxi pytã*, *avaxi hovy*, *avaxi pará*, *avaxi ju*, *avaxi ponhy´i*, *avaxi xi*, *avaxi takua*. São milho na cor:

milho vermelho, milho margarida, milho de cores variadas, milho amarelo, milho amarelo pequeno, milho branco, milho branco pequeno.



Figura 30. Variedades de Milho Guarani, fotografia tirada de <http://Guaranimbya.org> , 16 de janeiro de 2020.

IV.II AVAXI HETE'Í GUI TEMBI'U JAJAPO VA'E – COMIDAS TÍPICAS DE MILHO



Figura 31. Variedades de Milho Guarani, fotografia tirada de <http://Guaranimbya.org>, 20 de janeiro de 2020

Quando o nhanderu nos criou, ele fez junto o pilão que seria usado por mulheres. Com eles poderiam fazer vários tipos de alimentos: *mbojape*, *avaxi ku'i*, *rorá rã*, *mbyta rã*. (DARELLA, 2018, p. 54)

Na minha aldeia são muito consumidas ainda as comidas típicas do mbya guarani, em cada casa, todos consomem o que eles plantam e fazem vários tipos de alimento.

Mbaipy ku'axã

Ingredientes: Água, milho e cinza

Modo de preparo: este milho é debulhado ou socado no pilão, depois é peneirado para o farelo sair, depois ferve a água com a cinza do fogo e coloca o milho socado dentro da panela.



Figura 32. *Mbaipy ku'axã*, fotografia de Mariza de Oliveira, 15 de dezembro de 2018.

Mbojape

Modo de preparo: rale o milho até obter uma boa quantidade de massa, mexa com a mão e faça umas bolinhas, coloque na brasa para assar

Avaxi ku'í

Ingredientes: milho e amendoim

Modo de preparo: o milho tem que estar seco, esse milho é colocado na panela com a cinza, até que o milho fique torrado. Depois tira da panela e coloca no pilão junto com o amendoim, e soca até virar farinha.



Figura 33. *Avaxi ku'i*, fotografia de Mariza de Oliveira, 15 de dezembro de 2018.

Mbytá

Modo de preparo: rale o milho formando uma massa, coloque a massa na casca do milho e para assar coloque o mbytá na cinza quente do fogo.



Figura 34. *Mbyta*, fotografia de Mariza de Oliveira, 15 de dezembro de 2018.

Rorá :Ingredientes:

2 xícaras de água, 4 xícaras de farinha de milho.

Modo de preparo: ferver a água em uma panela, colocar a farinha de milho e deixar secar toda a água, e depois mexer até virar a farofa



Figura 35. Comidas típicas preparadas na escola pelos professores e comunidade, no final do ano letivo de 2018, fotografia de Mariza de Oliveira.

Conclusão

O teko mborayu (respeito) apareceu várias vezes no meu trabalho. Essa palavra para nós é muito forte. Ouço muito quando os mais velhos falam isso, eles estão

passando seu conhecimento porque o seu coração é bom, porque tem *mby'a porã*⁷. Por isso que para ter o conhecimento de tudo que envolve a cultura guarani, tem que ter *mborayu*, assim vai ter respeito por *nhandereko* (sistema de vida guarani), as regras que têm no cotidiano guarani, na agricultura e seus ensinamentos com vida.

Neste trabalho falei um pouco também da base de resistência do nosso povo: a Opy (casa de reza) que está junto com a nossa língua, que não seria possível se nós não estivéssemos na aldeia, em nossa mata da nossa mãe terra.

“Opy uma universidade para o povo guarani. Na opy que se aprende todas as coisas, antigamente tudo era aprendido na casa de reza, pois era ali que eram passados todos os conhecimentos e também as pessoas saíam formadas para a vida. Funcionava como um tipo de universidade, saindo karai (xamã) e xondaro (soldados/guardiões). Pescadores, guerreiros e benzedeiros conhecedores das ervas medicinais”. (MARTINS, 2015, p.19).

A capacidade de sentir amor ao próximo é para poucos, e é desse jeito que vejo os *jurua* (não indígena). Muitos respeitam, mesmo que não conhecem bem como nós vivemos, a nossa realidade na aldeia. Outros nos respeitam por saber como é nossa cultura, a nossa sabedoria. E outros que desconhecem nossas histórias, acham que nós indígenas somos invasores desse país, não têm respeito por nós os povos indígenas e acham que estamos pedindo demais quando exigimos a demarcação de terras. No pensamento deles estamos explorando as terras. Mas isso não é verdade, estamos querendo é proteger. Sem a terra e os rios não se vive no mundo.

Foi pensando em minha comunidade e alunos que decidi trazer um pouco os conhecimentos, através dos mais velhos, que envolvem o *Ma'ety reguá* (a agricultura) e a sabedoria mbya guarani. Passar um pouco no papel, para que eu possa utilizar depois com meus alunos. Tem muitas palavras que são conteúdo a ser trabalhado, que foram passadas e que estão nesse papel, mais que não é só um papel, mas sim as sabedorias passadas dos mais velhos para serem ouvidas na

7 Mby'a porã: coração bondoso.

leitura. Espero que também sirva como referência para futuros acadêmicos, que esse trabalho não seja em vão, porque são as palavras verdadeiras que foram passadas para que possamos passar em diante a nossa cultura, através de livros também. E foi o jeito de mostrar aos não indígenas a nossa cultura, assim várias pessoas vão se interessando e vão passando a valorizar mais a nossa cultura.

BIBLIOGRAFIA

AFFONSO, Ana Maria Ramo. 2014. De palavras e pessoas entre os guarani- mbya. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor.

DARELLA, Maria Dorothea Post; RAMO Y AFFONSO, Ana Maria; GUEROLA, Carlos M.; MELO, Clarissa R.; COLOMBERA, Ana Claudia (orgs). 2018. Tape Mbaraete Anhetengua: Fortalecendo o caminho verdadeiro. Programa Ação Saberes Indígenas na Escola/Núcleo SC. UFSC: Florianópolis.

MARTINS, Davi Timóteo. 2015. Kiringuei´Kuery: Noções Nativas de Infância, Aprendizagem e Desenvolvimento da Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso a Licenciatura Intercultural da Mata Atlântica. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Alexandrina da. 2015. *O grafismo e significados do artesanato da comunidade Guarani da Linha Gengibre*. Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura Intercultural da Mata Atlântica. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

TESTA, Adriana Queiroz. 2018. Entre o Canto e a Caneta. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n.2 p, 291-307.